

LEVANTES

AQUELE LEVANTE QUE COMEÇOU ENTRE 1540 E 1560 FOI UM DOS PRIMEIROS QUE ACONTECERAM POR AQUI. ESTÁVAMOS VIVENDO UMA SITUAÇÃO EM QUE OS NOSSOS VISITANTES JÁ TINHAM TOMADO CONTA DESSE TERRITÓRIO DE UMA MANEIRA IRREVERSÍVEL.

Ailton Krenak

24 de abril de 2019

Boa noite. Eu vejo diante de mim uma luminosa presença que torna essa oportunidade de estar aqui hoje com vocês uma alegria imensa. Eu sinto essas paredes impregnadas dessa presença. Estou muito honrado de poder trazer comigo a minha aldeia e os meus parentes — que alguns de vocês podem perceber: eles estão aqui — e compartilhar esse dia que evoca de maneira tão potente o sentido da vida em todos os campos, em todos os continentes e em todos os tempos.

Nós estamos dentro de uma celebração, de um momento que não se encerra em uma data, é um contínuo, assim como a vida. Muito honrado com essa oportunidade de estar entre tantos amigos, pessoas de diferentes gerações, fazendo desse momento o sentido de estarmos a cada dia trazendo à memória, fazendo a memória, convocando a memória de quem somos e do que compartilhamos nesse mundo.

O simbolismo de cada uma dessas velas¹ é tão poderoso que nos põe diante dessa história que compartilhamos de alguma maneira, mesmo não sendo contemporâneos a esses eventos, como as crianças, que estão vivendo em suas casas, com suas famílias, e aprendendo acerca da memória de quem somos e de como essa humanidade tem atravessado os séculos.

Aqui, nesse continente americano, há uma longa história de desaparecimentos, de negação da vida e da experiência de povos que têm a sua maneira de estar na Terra sem supor a extinção dos outros. Essa semana eu me lembrei desse jeito de estar no mundo diante da pergunta de um jornalista, que me disse: “Krenak, quando os europeus chegaram aqui na praia, vocês eram milhares de índios, enquanto a canoa que chegou tinha somente algumas dezenas de homens. Por que vocês, que eram tantos, simplesmente não jogaram eles de volta no mar?” Eu respondi: na nossa mentalidade, é inconcebível uma potência externa chegar à nossa casa para nos exterminar.

1. Em todas as comemorações do Levante do Gueto de Varsóvia na Casa do Povo, pessoas na plateia são convidadas a acender uma das seis velas em homenagem aos mortos pela Shoah.

Essa ideia nem passava pelas nossas mentes. Em nenhuma das nossas tribos alguém imaginou que alguém pudesse chegar para causar um dano tão grande.

Mas chegaram — aqueles homens na canoa — alguns cansados e outros doentes porque ficaram muito tempo sem comida, e nós curamos eles, levamos eles para casa, demos comida para eles. Assim que eles ficaram mais fortes, botaram fogo nas nossas casas e mataram as nossas famílias. E mesmo assim nossos parentes diziam: será que eles estão doidos? E tentavam acalmar aquela gente dando comida e abrigo. Só uns trinta, quarenta anos depois que eles já tinham ocupado uma grande faixa do território, e já estavam determinados a acabar com as nossas aldeias, é que alguns dos nossos mais velhos disseram: eles são muito diferentes da gente, a vida para eles não tem o mesmo sentido e eles estão determinados a acabar conosco.

Aquele levante que começou entre 1540 e 1560 foi um dos primeiros que aconteceram por aqui. Estávamos vivendo uma situação em que os nossos

NA NOSSA
MENTALIDADE, É
INCONCEBÍVEL UMA
POTÊNCIA EXTERNA
CHEGAR À NOSSA
CASA PARA NOS
EXTERMINAR.

visitantes já tinham tomado conta desse território de uma maneira irreversível. E nós tivemos que aprender a conviver com as levas de gente que vieram para cá a cada século até o ponto de chegarmos ao século 20 com a constatação de que os índios tinham desaparecido. Que tinham sido assimilados, integrados ou extintos.

Essa narrativa está impregnada nos livros, na literatura, e muitas crianças que vão para a escola ouvem “os índios eram”, “os índios foram”, no passado. Essa mentalidade está disseminada na consciência dos brasileiros. Somente nas décadas de 70 e 80, a minha geração decidiu que tínhamos que abrir essa cortina da história para mostrar que nós nunca estivemos extintos. Nossas famílias foram vítimas desse genocídio americano, mas nós estamos vivos e determinados a conviver com todos os outros povos. Declaramos que se não tiver lugar para a diferença no mundo, então não terá lugar para ninguém.

Enquanto houver lugar para seres humanos no planeta, essa “certa” humanidade vai ter que conviver com essa gente chamada índios. Nós somos os continuadores da memória dos nossos avós, dos nossos pais, e sabemos a linguagem dessa terra.

Nós nos identificamos com ela de uma maneira que podemos entender porque somos os filhos dessa terra. E isso dá potência e determinação para as novas gerações seguirem a memória dos seus ancestrais.

Há um verso que diz: “cantando, dançando, passando sobre o fogo, num contínuo, seguimos o rasto dos nossos ancestrais”. Essa é uma convocação para cada geração cantar, dançar, passar sobre o fogo, no rasto dos ancestrais. É a convocação da memória. A memória é esse grande rio por onde seguimos, nós não temos dúvidas disso. Se no passado recente o nosso povo sofreu a violência explícita contra a nossa forma de ser e de estar no mundo, nós acreditamos que ela não foi o suficiente para nos fazer renunciar daquilo que somos. E nós vamos seguindo, junto com muitos outros povos que vieram para cá. Estamos aprendendo a nos reconhecer como irmãos, aprendendo a compartilhar essa história, de uma sociedade complexa

SE NO PASSADO
RECENTE O NOSSO
POVO SOFREU A
VIOLÊNCIA EXPLÍCITA
CONTRA A NOSSA
FORMA DE SER E DE
ESTAR NO MUNDO,
NÓS ACREDITAMOS
QUE ELA NÃO FOI
O SUFICIENTE
PARA NOS FAZER
RENUNCIAR DAQUILO
QUE SOMOS.

que tem muitos povos. Que tem como primeiros habitantes os povos originários, e que tem todos esses outros povos que vieram para cá no fluxo da história, constituindo essa humanidade que somos todos nós.

Eu tenho uma forte emoção me afetando nesse momento em que eu me dirijo aos senhores, às senhoras e às crianças que estão aqui. Esse é um instante de celebração de que nós estamos vivos, reconhecendo que o valor da vida é o mais caro propósito das nossas existências. Nós estamos com os nossos parentes mobilizados em diferentes lugares do Brasil, vivendo um momento que nos provoca e que convida a levantar para dizer que nós estamos aqui. O Acampamento Terra Livre² talvez seja o maior ajuntamento de pessoas indígenas em Brasília, vindas de várias regiões do nosso país para dizer para o governo que está invadindo nossos territórios que nós estamos vivos, estamos despertos e não vamos deixar que a afronta constante de negar a nossa presença seja uma verdade constituída. A nossa história é um testemunho

2. A 15ª edição do Acampamento Terra Livre, maior conferência dos povos indígenas no Brasil, aconteceu entre os dias 23 e 26 de abril de 2019 em Brasília.

e nós estamos aqui. E eu me alegro de estar com
vocês celebrando a coragem de recepcionar a vida
com tudo o que ela tem.

Ailton Krenak é escritor, filósofo e ativista
indígena.

Organização **Ana Druwe**

Edição **Ana Druwe e Rita Carelli**

Revisão **Lucas Gaspar**

Transcrição **Katherine Schott**

Projeto gráfico **Laura Daviña e Livia Viganó**

Impressão **Parquinho gráfico**

Realização **Casa do Povo**

ISBN 978-65-997864-2-6



LEVANTES reúne os discursos das comemorações do Levante do Gueto de Varsóvia na Casa do Povo.

No dia 19 de abril de 1943, judias e judeus se levantaram contra o exército nazista no último gueto estabelecido na Polônia. Morreram lutando em vez de serem levados aos campos de concentração. A data nunca deixou de ser lembrada na Casa do Povo, performada a cada ano clamando por novas formas de resistência e resiliência. Os textos que compõem a série documentam como também circulam outros levantes em curso. É criando solidariedades que a faísca do Levante do Gueto de Varsóvia permanece acesa.

casadopovo.org.br

Distribuição gratuita

Contribua com um pix no valor de sua escolha para garantir as próximas impressões →

realização



CASA
DO POVO

PAR
QUINHO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

